TEATRO

★ ★

do Romantismo aos nossos dias. CENTO

UHOTO1635

uma antologia
seleccionada, prefaciada e anotada
por

LUIZ FRANCISCO REBELLO

PORTUGUÊS

E VINTE ANOS DE LITERATURA TEATRAL PORTUGUESA

TEATRO PORTUGUÊS

ESTA OBRA É UMA EDIÇÃO DO AUTOR ORGANIZADA GRAFICAMENTE POR VICTOR PALLA, DISTRIBUIDA PELO CIRCULO DO LIVRO, LDA. E COMPOSTA E IMPRESSA POR SCARPA, LDA., RUA DAS FLORES, 43, EM LISBOA. DELA SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 90 EXEMPLARES, NUMERADOS DE I A XC (OS ÚLTIMOS DEZ FORA DO MERCADO), IMPRESSA EM OFF-SET 140, RUBRICADOS PELOS AUTORES E COM UMA GRAVURA DE AUGUSTO GOMES

★★

do Romantismo aos nossos dias

2.° volume

Vitoriano Braga

Vitoriano de Sousa Feio Peixoto Braga, nascido a 11 de julho de 1888 em Lisboa, aqui faleceu a 30 de janeiro de 1940.

Obras principais: Teatro — A Bi, *comédia em 3 actos, em colaboração com João de Vasconcelos e Sá (1911);* Octávio, *drama em 3 actos (1916);* Extremo Recurso, *peça em 2 actos (1917);* O «Salon» de Madame Xavier, *comédia em 3 actos (1918);* O Conselho da Noite e A Casaca Encarnada, *peças em 3 actos (1922);* Inimigos, *comédia em 3 actos (1926);* Entre as 5 e as 8 e Lua de Mel, *comédias em 1 acto (1927).*
Traduções — A Hora do Amor, *de Edouard Bourdet (1924);* Para fazer-se amar loucamente, *de G. Martínez-Sierra (1926);* Eva Nua e Crua, *de Paul Nivoix,* Os Mosquitos e O Tambor e o Guizo, *de S. e J. Alvarez Quintero (1928);* O Processo de Mary Dugan, *de Bayard Veiller (1929);* O Fim da Jornada, *de R. C. Sheriff (1931);* Cinco Milhões, *de Louis Verneuil (1933).*

283

Um esquecimento não merecido paira, hoje, sobre o nome de Vitoriano Braga, a quem se deve, nos anos que precederam o armistício de 18 e imediatamente lhe sucederam, uma apreciável obra dramática, ainda que restrita em número e projecção. Embora divergindo de alguns críticos responsáveis, como João Pedro de Andrade, que reputam Inimigos *a sua peça mais perfeita — pois esse drama de situações fortes, mas convencionais, mantém-se, da primeira à última cena, demasiado preso ao figurino que Bernstein, desde antes da guerra, e os Méré, os Frondaie e quejandos, depois dela, puseram em voga —, e do sufrágio do público, que entre as suas peças distinguiu* A Casaca Encarnada *— áspera pintura do descalabro económico e moral do após-guerra, mas que também não se afasta muito daqueles pouco recomendáveis modelos —, a todas antepomos* Octávio, *que suscitou, a quando da sua estreia, um movimento de franca hostilidade, traduzido pela farisaica indignação da crítica, ulcerada pela «repugnante escabrosidade do tema», e pela ausência do público, que lhe limitou a carreira a seis representações apenas.*
O seu protagonista — cuja mórbida caracterização autoriza um paralelo com certas criaturas do teatro de Henry Bataille — é, com a «Zilda» da peça homónima de Cortez, o «Fernando Severo» de O Herdeiro *de Carlos Selvagem, e a «Maria» do* Demónio *de Ramada Curto, uma das figuras psicològicamente mais ricas e mais aprofundadas do nosso teatro representado entre 1916 e 28; e o seu decadente esteticismo, como aliás também o da personagem do drama citado de Carlos Selvagem, típico de um clima social que todas estas peças vàriamente reflectem. Um interesse documental acrescenta-se, assim, ao interesse puramente humano do caso individual estudado por Vitoriano Braga — e ambos conjugados garantem à sua obra uma ressonância que ainda hoje se não desvaneceu inteiramente.*
Octávio *representou-se, pela primeira vez, a 5 de maio de 1916, no Teatro Nacional, sendo seus principais intérpretes Luís Pinto (no protagonista), Albertina de Oliveira* (Maria da Graça), *Augusta Cordeiro* (Marquesa), *Isabel Berardi* (Condessa), *Maria Pia* (Baronesa), *Pato Moniz* (Gil), *Henrique de Albuquerque* (Rodrigo), *Joaquim Costa* (Marquês) *e Augusto de Melo* (Conde).

Vitoriano Braga

A cena final de *A Casaca Encarnada* e o cartaz de Almada Negreiros para a mesma peça (1923)

Vitoriano Braga

O C T Á V I O

Personagens:

OCTÁVIO.
GIL, amigo íntimo de Octávio.
RODRIGO DE SANDE.
MARQUÊS, (António) pai de Octávio.
CONDE, pai de Maria da Graça.
UM CRIADO.
UM ENFERMEIRO.
UM CONVIDADO.
MARIA DA GRAÇA.
MARQUESA, (Piedade) mãe de Octávio.
CONDESSA, mãe de Maria da Graça.
BARONESA (Maria José).
CONVIDADOS.

Os três actos decorrem em casa dos Marqueses: o primeiro e o terceiro na cidade; o segundo numa praia. Antes da guerra.

ACTO PRIMEIRO

Uma sala não muito grande, luxuosíssima. Porta de arco ao fundo, comunicando com o jardim de inverno; à direita, uma porta larga, coberta de um reposteiro de armas, que dá para o salão de baile. Mobília rica e de muito bom gosto; pelas paredes, retratos a óleo de antepassados ilustres. — A cena não deve estar muito iluminada. Ouve-se o sexteto antes do pano subir.

(Há baile no palácio. É ao começo da festa, que decorre ainda com intimidade, vendo-se já alguns convidados no jardim.
Gil, de pé, conversa com Octávio, que se tem estirado com elegância num sofá, entre almofadas, à direita da cena. — Octávio, sendo o mais correcto possível, deve no entanto deixar perceber, excepto para com Gil, a grande diferença que está persuadido existir entre si e todos.)

GIL: Já te respondo, mas primeiro dize-me com franqueza, Octávio, que pensas da mulher?

OCTÁVIO: Mal.

GIL: Falas como artista?

OCTÁVIO: Digo o que penso. Como artista, acho a mulher raras vezes estética.

GIL: E moralmente?

OCTÁVIO: Oh! moralmente, um escândalo ou então de uma virtude maçante... economicamente, um desfalque... intelectualmente, uma miséria!

GIL: Não pode dizer-se, com verdade, que as mulheres tenham em ti um amigo...

OCTÁVIO: Enganas-te, meu Gil! Sou amigo de muitas mulheres, quase nunca amante. Sinto que lhes peso... que as aborreço. Escutam-me quando falo, aplaudem-me quando toco, mas mostram-se sempre reservadas quando as desejo. Olham-me assim a modo de quem observa um animal curioso — um boi com três pernas ou outro aleijão qualquer; e, diga-se a verdade, falta-me a paciência para lhes vencer a repugnância. Se o interesse as não vence... vão-se em paz, tão virtuosas como quando as encontrei.

GIL: Artista e inteligente como és, estou certo, Octávio, de que serias o querido das mulheres, mas havias de dedicar-te um pouco mais ao seu cultivo. Quase lhes não falas, e, quando o fazes, chegas a ser até, por vezes, desagradável, sacrificando-lhes a vaidade a um dito de espírito. As mulheres nunca perdoam o espírito! É mais fácil perdoarem...

OCTÁVIO: Que lhes faltem ao respeito.

GIL: Isso. És um cínico adorável!

OCTÁVIO: Lisonjeiro!

GIL: O que me admira, e o que está admirando a todos os rapazes que sempre conviveram connosco, é a pachorra que tu tens para suportar certos homens ao teu convívio. Uns exploradores afinal, que nos roubam a tua companhia, e a ti o dinheiro.

OCTÁVIO: A fama de bem-estar, que nós, os ricos, disfrutamos, obriga-nos, por delicadeza, a actos superiores à nossa paciência. A delicadeza faz parte da estética, por ela devemos ser um pouco mártires. Escorraçar os amigos que vivem do dinheiro que nos sobeja... confesso, não tenho coragem; fazê-lo seria, sem dúvida, de mau gosto...

GIL: Acho-te mudado.

OCTÁVIO: Cansado! Posso mesmo dizer: doente. Depois da pleurite nunca mais fui o mesmo homem. Mas adiante! Não tratemos das misérias físicas.

GIL: Devias tratar-te. Passas as noites em trabalhos que fatigam muito.

OCTÁVIO: Qual!

GIL: Sabes o que o médico disse, e teu pai bem to recorda, mas tu...

OCTÁVIO: Não fales em meu pai! Está detestável, como todos os homens de negócio!

GIL: Está bem! Que fizeste a noite passada?

OCTÁVIO: Estive no Refúgio.

GIL: Divertiste-te?

OCTÁVIO: Ao princípio da noite estive acompanhando aquele violinista italiano de quem te falei há dias. Diverti-me.

GIL: Tem valor esse rapaz?

OCTÁVIO: Pouca expressão, mas uma técnica e som maravilhosos!

GIL: Quem mais estava lá?

OCTÁVIO: O Chico, o Manuel e um amigo, tão estúpido como eles, que se lembrou de levar mulheres! Está claro, acabou-se a música; os guinchos das fêmeas eram superiores aos agudos do violino! Mandei vir champanhe, com a pretensão de os adormecer, mas qual! Para quem está costumado a aguardente, o champanhe é água pura. Saí com o italiano.

GIL: E eles?

OCTÁVIO: Lá ficaram.

GIL: A fazer o quê?

OCTÁVIO: Sei lá! Talvez amor, ou coisa parecida.

GIL: O que o Refúgio era e o que o Refúgio é! Desde que entrou lá a primeira mulher perdeu a feição artística. Estragou-se tudo!

OCTÁVIO: A primeira mulher que lá esteve, se bem me recordo, foi a Suze. Tinha um feitio arrapazado, era elegantíssima! Lembras-te?

GIL: Se me lembro!... Um encanto!

OCTÁVIO: A minha última amante! Passei quinze dias a admirá-la, a viver com ela sem lhe tocar! *(Recordando:)* Beijei-a algumas vezes, creio eu...

GIL: Pobre Suze! Que será feito dela! A rapariga andava perdida de juízo! Adorava-te como se adora um Deus, mas não te compreendia!

OCTÁVIO: Ao décimo sexto dia fomos amantes...

GIL: E no dia seguinte que foram?!

OCTÁVIO: Indiferentes; pelo menos eu. Tínhamos dado um ao outro tudo quanto se pode dar de mais terno... Quando muito, depois desse dia, Suze poderia servir-me para modelo; propus-lho, não aceitou. Separámo-nos. Nunca mais tive uma amante!

GIL: Efectiva?...

OCTÁVIO *(sorrindo)*: Nem eventual... Mas, meu caro, fugimos do assunto sobre o qual me interessava o teu parecer.

GIL: Meu bom Octávio, fazes mal em pedir a minha opinião. Que te hei-de dizer?

OCTÁVIO: Não sei. Dize o que quiseres... o que pensas.

GIL: Para te dizer o que penso... digo o que não quero.

OCTÁVIO: Vá lá sempre...

GIL: Na minha opinião, tu não és homem para casar.

OCTÁVIO: Não há homens para casar, Gil... há homens que casam, porque querem possuir esta ou aquela mulher pelo processo mais simples e menos inteligente.

GIL: Mas tu não sentes, decerto, a necessidade de possuir a Maria da Graça! Quererás, porventura, fazer-me acreditar que estás apaixonado?!

OCTÁVIO: Há poucos dias ainda nem pensava nela.

GIL: Como é então?...

OCTÁVIO: Mas agora já penso... e não só penso: necessito-a!

GIL: E o que te sugeriu essa necessidade?

OCTÁVIO: Eu te digo... Minha mãe, que é a única pessoa de família que estimo deveras, tem um grande desejo de me ver casado, para que a descendência da sua casa não termine. É uma caturreira como qualquer outra, no entanto respeitável. Como nunca percebeu em mim disposição para o casamento, tratou ela mesmo de descobrir mulher que me quisesse, e parece que o conseguiu... Um dia destes participou-me que a Maria da Graça se consideraria feliz casando comigo.

GIL: Sendo assim — para fazer a vontade a tua mãe, calo-me. Acho até louvável!

OCTÁVIO: Eu sempre tinha achado esta rapariga interessantíssima e... se nunca a desejei, foi por sentir a impossibilidade moral de a obter por meios fáceis... Mas quando agora soube, que esta encantadora criatura está disposta a pertencer-me... *(Cerrando os olhos lùbricamente:)* que será a primeira virgem que vou apertar nos meus braços... com-

fesso-te, meu Gil! reparei nela com atenção e não mais, um só momento, deixei de fantasiar as cenas mais agradáveis.

GIL: Depois do que acabo de ouvir-te, só tenho a desejar-te um robusto descendente...

OCTÁVIO: Longe vá o agoiro! Basta, meu querido Gil, que ele venha tarde... ou nunca.

(O Marquês e o Conde aparecem no jardim, conversando.)

GIL: Mas então tu julgas ser possível, por muito talento que tenhas, conservar a afeição de uma mulher — só pelo espírito?!... Não é isso o que tu queres dizer?

OCTÁVIO: Quase...

GIL: O quê?! *(Vendo o Marquês e o Conde.)* Lá vem teu pai com o teu futuro sogro.

OCTÁVIO: Safemo-nos delicadamente.

(Octávio e Gil saem pela porta da direita; Marquês e Conde entram pelo fundo.)

CONDE: São admiráveis as tuas salas!

MARQUÊS: Por vontade do Octávio melhores seriam. Gastei nesta casa rios de dinheiro, e afinal para quê?

CONDE: É bonito ser senhor de uma boa casa! Não deves arrepender-te. Eu vivo naquele casarão velho, a desabar por todos os lados. Ando há muito com vontade de o reparar, mas se me meto nisso, para me sustentar depois... terei de o comer aos bocadinhos!... Julgo que há cinco gerações não vê obras!

MARQUÊS: Pois devias tratar de as fazer; depois saem-te mais caras.

CONDE: Talvez! Mas, por agora, é-me impossível. *(Pausa.)* Queres acreditar que estas festas hoje entristecem-me?

MARQUÊS: Entristecem-te?!

CONDE: Sim.

MARQUÊS: Por quê?!

CONDE: Para que nestes salões houvesse alegria, seria necessário enchê-los de pessoas que com eles não destoassem.

MARQUÊS: Mas nesse caso, era preciso...

CONDE: Inventá-las!

MARQUÊS: Claro! Quem há para aí que possa convidar-se?!

CONDE: Ninguém! Que diferença fazem estes tempos que correm dos nossos! As salas numa festa trasbordavam de rapazes elegantes; a vida era alegre... não havia este peso...

MARQUÊS: Para falar-te com franqueza, não tenho saudades do meu tempo de rapaz. Não nasci marquês, nem sequer fidalgo; trabalhei muito... e diverti-me pouco!

CONDE: Agora tens a compensação.

MARQUÊS: Vive-se...

(Um Convidado, que tem estado a jogar no jardim de inverno, levanta-se da mesa de jogo e vem à porta do fundo.)

CONVIDADO: Senhor Marquês, entra agora Vossa Excelência. *(Retira-se.)*

MARQUÊS: Lá vou já. *(Para o Conde:)* Dás-me licença?

CONDE: Pois não.

(Marquês sai pelo fundo, indo sentar-se à mesa do jogo no jardim; Marquesa, Graça e Condessa entram pela direita.)

MARQUESA *(para a Condessa):* Lá vai o meu homem para o jogo. É a única coisa que o diverte!

CONDESSA: Tem graça! Eu, então, não tenho pachorra nenhuma!

CONDE *(aproximando-se da Marquesa):* Estive, agora, minha senhora, elogiando ao António as suas salas! Estão arranjadas com imenso gosto! Sempre que aqui venho sinto um prazer, um...

MARQUESA *(interrompendo):* E por que não repete esse prazer muitas vezes?

CONDE: Dos prazeres não se abusa, Marquesa... Muito obrigado pela sua amabilidade.

MARQUESA *(para todos):* Há muito que não vou a bailes nem a outras festas, e será, decerto, por isso que estou deveras admirada com a sensaboria dos rapazotes... Não dançam... não conversam com as raparigas... parece que já nem namorar sabem! Passam a noite a cochichar nos corredores, a fumar; outros sentados à mesa de jogo, numa atitude de enfado. Que sensabotões! *(Para Maria da Graça, afagando-a:)* Ai, minha filha! em que má época vocês nasceram! Nem, ao menos, têm rapazes que as admirem:

CONDESSSA: Pudera!... Tomaram eles mais tempo para se admirarem a si próprios!

GRAÇA: Há rapazes interessantes...

(O sexteto toca para dançar.)

MARQUESA *(sorrindo):* Dizes isso por amabilidade, sabes que tenho um filho e...

GRAÇA *(interrompendo):* E então?!... O Octávio não é um rapaz interessantíssimo?...

MARQUESA: Queres lisonjear-me... *(Para o Conde:)* Sabe, Conde?... a sua filha é um amor!

CONDE: É boa rapariga.

(Rodrigo de Sande entra pelo fundo e dirige-se a Graça.)

RODRIGO: Graça, queres dançar?

GRAÇA *(hesitante):* Sim... eu estou... Pois sim.

ÍNDICE

Prefácio: Cento e Vinte Anos de Literatura Teatral Portuguesa VII

Introdução IX

1. *Interrogação sobre a existência de um teatro português — O teatro e a sociedade portuguesa* XIII
2. *Síntese histórica: de Gil Vicente a Garrett* XV
3. *Garrett e a restauração do teatro português* XVI
4. *Primeiros encontros de Garrett com o teatro — A tragédia* Catão *e a geração liberal de 1820 — O exílio* XVII
5. *O* Auto de Gil-Vicente, *início do teatro romântico — Dramas históricos — Uma obra-prima: o* Frei Luís de Sousa *— As últimas peças de Garrett* XIX
6. *O equívoco do teatro histórico ultra-romântico* XXI
7. *O melodrama histórico da década de 1839-50* XXIII
8. *O melodrama social do meio-século — Gomes de Amorim, Camilo e a caricatura do ultra-romantismo* XXVIII
9. *A comédia de costumes — Pinheiro Chagas e a sublimação do ultra-romantismo* XXXII
10. *A questão do «Bom Senso e Bom Gosto» — A «geração de 70» e o teatro* XXXIII
11. *Outros encontros da «geração de 70» com o teatro* XXXVII
12. *Realismo e naturalismo — O anti-clericalismo no teatro português* XXXIX
13. *Revivescência do teatro histórico — A* Pátria *de Junqueiro* XLI
14. *O realismo dos* Velhos *de João da Câmara — Naturalismo em Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça e Júlio Dantas* XLV
15. *Renovação da farsa com Gervásio Lobato e da comédia com Schwalbach — Dois géneros menores: a opereta e a revista* XLVII

16. *O naturalismo entre 1900 e 1914 — Dois dramaturgos por acidente: Malheiro-Dias e Teixeira-Gomes* XLVIII
17. *O «Teatro Livre» e um dramaturgo: Manuel Laranjeira — O «Teatro Moderno» e um encenador: Araújo Pereira* L
18. *Vestígios do simbolismo em João da Câmara — O naturalismo impressionista de Raul Brandão* LIII
19. *Dramaturgia simbolista de Eugénio de Castro, Fernando Pessoa e António Patrício* LIV
20. *Situação do teatro português entre 1918 e 26* LVI
21. *Tendências dramatúrgicas do após-guerra: Revivescência do teatro histórico e teatro regional* LVIII
22. *Tendências dramatúrgicas do após-guerra: A sátira de costumes* LIX
23. *O teatro de Alfredo Cortez* LXII
24. *A dramaturgia existencial de Raul Brandão — Teixeira de Pascoaes e o teatro* LXIII
25. *O teatro português na década de 30* LXV
26. *O modernismo no teatro português* LXVIII
27. *O «Estúdio do Salitre» e o movimento experimental* LXXII
28. *Situação actual do teatro português* LXXIII
29. *O neo-realismo e o teatro — Autores contemporâneos* LXXVIII
30. *Conclusão* LXXIX

Antologia:

Almeida Garrett: Um Auto de Gil-Vicente 1
Gomes de Amorim: Fígados de Tigre 21
Camilo Castelo Branco: O Morgado de Fafe em Lisboa 53
Pinheiro Chagas: A Morgadinha de Valflor 71
Gervásio Lobato: O Festim de Baltasar 105
Marcelino Mesquita: Dor Suprema 121
D. João da Câmara: Triste Viuvinha 143
Manuel Fernandes Laranjeira: ...Amanhã 171
Henrique Lopes de Mendonça: O Azebre 189
Eduardo Schwalbach: Os Postiços 217
Fernando Pessoa: O Marinheiro 275
Vitoriano Braga: Octávio 283
Carlos Selvagem: Entre Giestas 303
António Patrício: D. João e a Máscara 341
Ramada Curto: O homem que se arranjou 371
Raul Brandão: O Avejão 397
António Botto: Alfama 403
Alfredo Cortez: Gladiadores 427
Vasco Mendonça Alves: Meu amor é traiçoeiro 449
Olga Alves Guerra: Tempos modernos 473
Joaquim Paço d'Arcos: O Ausente 493

Alves Redol: Maria Emília 519
Branquinho da Fonseca: Curva do Céu 529
José Régio: Benilde ou a Virgem-Mãe 535
Almada Negreiros: Antes de começar 559
João Pedro de Andrade: Continuação da comédia 567
Jorge de Sena: Amparo de Mãe 575
Luiz Francisco Rebello: O dia seguinte 581
Bernardo Santareno: A Promessa 597
Costa Ferreira: Um homem só 623

Nota Final
Nota Bibliográfica
Índice dos Nomes Citados no Prefácio

Principais Correcções

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
NO PREFÁCIO			
XVII	33	— composta em 1817, aos 18 anos —	— composta entre 1818 e 1820 —
XVII	36	1811	1816
XVII	37	quatro ou cinco anos depois	um ou dois anos depois
XVII	37	Como também não chegaram até nós	Apenas chegaram até nós
XXI	11	1948	1848
XXV	16	includo	incluído
XXVI	33	realidade	natureza
XXXVIII	18	de Dumas (1870)	de Dumas filho (1870)
LII	7 e 8	Mário Allen	Mário Gollen
LIII	39	com seu irmão Júlio,	com Júlio Brandão,
LV	24	distintas do	distintas da do
LXI	12	(1931)	(1932)
LXI	30	(n. em 1887)	(n. em 1883)
LXIII	8	publicada também em 1939	publicada em 1944
LXVII	15	(n. em 1909)	(n. em 1908)
LXXI	20	obsediante	obsidiante
NA ANTOLOGIA			
1	39	Coisas e sérias	Coisas sérias
121	10-11	Uma anedota, Calvário	Uma anedota, *episódios em 1 acto* (1902); O Rei Maldito, *peça histórica em 5 actos*, e A Noite do Calvário
121	31	*solicitados, por*	*solicitados por*
187	19 (3.ª coluna)	para todas!	para todos!
353	1-2 (2.ª coluna)	passam assas	passam asas
371	9	Voz da cidade *(1953)*	Voz da cidade *(1952)*
427	7	*Henri Josset*	*André Josset*
575	17	*causa*	*acusa*
575	18-19	*épocas «ad libitum», permutáveis*	*épocas, «ad libitum» permutáveis*
581	22	*(1960)*	*(1961)*
582	3	vento de angústia	vento da angústia

Na primeira página de gravuras dedicada a João da Câmara, a legenda alude por lapso ao actor João Rosa no papel de Afonso VI, quando deveria dizer-se: Augusto Rosa no papel de Simão Peres do drama *Afonso VI*.